



Pirataria e apropriações culturais na favela da Mangueira¹

João Maia²

Eduardo Bianchi³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

É notável a presença na de algumas idéias que perseguem o nosso vocabulário cotidiano: compartilhar, criar, navegar, expandir, explorar e apropriar. Essas palavras podem ajudar a compreensão a ideia de cultura comunitária.

Apreciaremos como os produtos propagados pelos “piratas da cultura” funcionam como elemento de coesão social e formam a cultura comunitária, localizada em determinado território e se espalha pela cidade como um todo.

Mostraremos como a representação do pirata é marcante e múltipla especialmente na produção da cultura industrializada moderna. A imagem do pirata hoje pode ser fluída e por vezes ambígua devido à velocidade das tecnologias de informação e cultura comunitária. Essa pesquisa busca refletir a cidade contemporânea e a efervescência da cultura comunitária. Nosso trabalho se concentra na sub-localidade da Candelária, morro da Mangueira no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Pirataria, Cidade, Tecnologias da Informação e Comunicação

Piratas: mil e uma faces de um personagem

São vários os *gadgets*, aparelhos que veiculam os produtos da cultura industrializada presentes de maneira marcante no cotidiano da cidade. São *CDs* (sic!), *DVDs*, *IPOD*, *IPAD*, *IPHONE* 3,4,5,6,... Assim ligados, plugados, conectados vamos sempre baixar, buscar e criar releituras diversas dos produtos que estão entrelaçados nas redes de computadores. Não é questão pensarmos sobre o *copyright* e *copyfeft* na procura de um certo legalismo e também não discutiremos o protagonismo das

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Diretor e Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Líder do Grupo de Pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade (CNPq/FAPERJ/PPGCOM/UERJ/FCS).

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do grupo de pesquisa CAC (Comunicação, Arte e Cidade).



tecnologias em nossas vidas. Focaremos o nosso olhar na ação do homem que compartilha, de diversas formas, as suas apropriações. Este homem cria produtos e espalha numa rede enorme seus gostos e prazeres, na verdade o seu “estilo de vida” (GIDDENS, 2003). Pode ser em *Blog*, *Fotologs*, ou *Twiter*. O recorte do trabalho que apresentamos se concentra na área da Comunicação e Cultura com o objetivo específico de abrir novas possibilidades para pensar a noção de pirataria cultural.

O pirata é um personagem que sempre aparece diante do nosso olhar quando pensamos em alguma “apropriação”, seja ela econômica, política ou cultural. Ele já foi retratado em filmes, livros, música e hoje é reconfigurado, pelo senso comum e pela mídia, de maneira geral. Ele está presente mesmo de maneira obscura ou múltipla em várias obras da nossa produção cultural tradicional, moderna ou contemporânea.

Era uma vez... Alguns piratas e suas breves histórias

Pensar em “Roma” com os seus piratas que tomavam conta dos mares, além das pilhagens no mar e em terra de cidades litorâneas nos inquieta se tentarmos criar alguma referência associada à imagem do pirata cultural contemporâneo. É impossível fazer tal aproximação, mas aguça a nossa imaginação. Segundo Daniel Defoe⁴ (2008) um grande exemplo de ato pirata foi o rapto do ainda jovem Júlio Cesar. O corriqueiro no mundo da pirataria, mediante o aprisionamento de um navio, era que os tripulantes fossem jogados ao mar. Segundo Defoe, os prisioneiros eram amarrados dois a dois e jogados dos navios para o afogamento. No caso específico de Cesar, vendo se tratar de uma pessoa importante pelas suas vestes foi decidido que ele não seria jogado ao mar, mas seria pedido um resgate em troca do jovem. Resgate pago, Cesar pode em fim, em um futuro não muito distante, se tornar o Grande Cesar da história romana. Nesse momento da história, os atos de pirataria se concentravam nas rotas de comércio do Mediterrâneo, áreas de domínio do poderoso Império Romano.

As histórias dos piratas têm seu momento áureo com o comércio no Oceano Atlântico, pós-expansão ultramarina⁵, ganhando força junto ao crescimento de exploração das colônias a partir do século XVI. Para cada nação um nome diferente: para o comércio holandês cabia a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais as trocas

⁴ Daniel Defoe (1661?-1731) foi um jornalista e reconhecido escritor inglês. É autor de *História dos Piratas*(1724) e outras importantes obras como *Robison Crusóé* (1719) e *Os amores de Moll Flanders* (1722).

⁵ Política de expansão de mercado iniciada por Portugal ainda no século XV.



entre colônia e metrópole, no caso da Inglaterra o chamado comércio triangular⁶ - o rico comércio que ocorria no Oceano Atlântico: treze colônias inglesas (hoje costa leste dos Estados Unidos, Antilhas, continente africano e Metrópole Inglesa – o que chamava muita atenção dos “bandidos dos sete mares”. Vale ressaltar que a região caribenha foi a maior área de atos pirataria da época, devido à atrativa movimentação de riquezas. Contudo, outras regiões não ficaram a salvo das pilhagens dos piratas. Há inúmeros registros de piratas na costa Brasileira, Ilha Grande, por exemplo, era um ótimo esconderijo para eles, dessa região espreitavam navios que ali passavam repletos de ouro da região das minas gerais, que saíam dos portos do que hoje é o Estado do Rio de Janeiro, ou mesmo navios que vinham da região do Prata (América Espanhola).

A pirataria, em vários momentos da história, foi institucionalizada e às vezes por uma lei que garantia tais atos. Elizabeth I⁷ (1558 – 1603), então rainha da Inglaterra, fazia inúmeros acordos, que por suas determinações o Estado Inglês deveria patrocinar a pilhagem de embarcações espanholas através de piratas contratados.

O pirata *Barbarouse* é exemplar para falarmos de como criamos a imagem de um homem que sabe se apropriar dos bens culturais e sociais. O “Terror dos Mares” como ficou conhecido, teve supostamente uma vida de riqueza, aventuras, proezas, além de inúmeros assassinatos que ordenou ou ele mesmo executou. Como um pirata astuto, *Barbarouse*, tinha dentre suas características o oportunismo, pois sabia o momento de se apropriar de alguns lugares e elementos da cultura. O Barba Ruiva se apropriou de territórios protegidos, de locais bem guardados. Foi assim que até chegou a se tornar Rei. Após quebrar um acordo de proteção com o Rei da Argélia o matou e foi coroado, apropriando-se do trono. Já havia deixado tudo pronto para que seu irmão o substituísse como o novo Rei, quando foi morto em batalha. Esta foi sem dúvida uma grande demonstração da nossa possibilidade de criação de uma representação de força e astúcia do pirata que assolou os mares de sua época. (cf. Defoe, 2008, pg. 24).

Motins e desapropriações de navios eram comuns em meio à turba de homens em uma situação muito específica. Essa foi a forma que Avery se tornou capitão de navio na segunda metade do século XVII. Segundo Defoe (op.cit), o ainda marujo, Avery, planejou o motim e tomou o navio Charles II. A rebelião ocorreu em maio de 1694 e daí por diante a vida de Avery teria sido a base de roubos e mortes.

⁶ O comércio ficou conhecido como triangular, mas poderia, e era corrente, ser feito em mais de três portos

⁷ Como filmografia: *O Gavião do Mar* de Michael Curtiz (1940) e *A Rainha Tirana* de Henry Koster (1955) esses filmes retratam a relação do governo de Elizabeth I com os piratas.



Durante o período colonial o Brasil viveu vários atos de pilhagem, alguns institucionalizados como foi o caso da nossa madeira mais famosa, o pau-brasil, sem falar em nossos minérios, principalmente o ouro das Gerais. Contudo ainda éramos colônia e seguindo a lógica Mercantilista e do Pacto-Colonial estávamos sujeitos a isso mesmo. No entanto, já no período que cerne nosso Império o Brasil sofreu inúmeras pilhagens de outras nações. Segundo Adriano Belisário⁸, em publicação à revista da Biblioteca Nacional⁹, franceses se apropriaram, no início do século XIX de mudas de várias plantas dos arredores do Rio de Janeiro. Ainda nos remetendo a Belisário (Ibdem), o inglês Henry Wickham “desviou sementes de seringueiras amazônicas para as colônias britânicas na Malásia”, atingindo em cheio a economia da região que dependia do Látex extraído das árvores amazônicas.

As caças aos tesouros dos navios dos séculos XVI, XVII e XVIII não acabaram. Embarcações que naufragaram a séculos continuam sendo perseguidas. No entanto tal perseguição conta com submarinos super modernos e tecnologia de ponta para localizar as naus. Segundo Aldé em texto para Biblioteca Nacional¹⁰ várias empresas estão em busca desses tesouros. *Voetboog* e Santa Rosa são navios holandeses e portugueses, respectivamente, que naufragaram na costa pernambucana e estão sob os olhares de empresas caçadoras de tesouros. São piratas também, saqueadores da história. Irão se apropriar de uma “História em migalhas”, submersas.

A pirataria no cinema

Foi em um estúdio americano que o Capitão Jack Sparrow ganhou vida através do ator Jony Depp. A quadrilogia, Piratas do Caribe¹¹, mostra um pirata com uma representação um tanto quanto diferente de seus antepassados, na indumentária nem tanta, Jack usa lenço na cabeça, chapéu, brincos, espadas e pistolas. Uma diferença é em sua maneira de estar no mundo. Nas histórias mais comuns de piratas o capitão é o ultimo a abandonar o navio, mas no caso de Jack ele é o primeiro a correr. Sínico,

⁸ Adriano Belisário é editor da edição online da Revista de História da Biblioteca Nacional. Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁹ <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=3027>

¹⁰ <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1083&pagina=1>

¹¹ Trilogia do Walt Disney Pictures em associação com Jerry Bruckeimer Films: Piratas do Caribe A Maldição do Perola Negra (2003); Piratas do Caribe O Baú da Morte (2006) e Piratas do Caribe No Fim do Mundo (2007)



sarcástico, irônico e com seu jeito único de correr com pernas abertas, braços gesticulosos, as costas projetadas para traz e com os olhos arregalados. O capitão do Perola Negra é sem dúvida uma clássica personificação de um anti-herói.

Não são homens sem regras, se levarmos em consideração o Código Pirata¹². O código pirata descrito por Defoe é composto por onze tópicos. Esse foi escrito e assinado por todos os membros da tripulação, inclusive o Capitão Bartholomew Roberts que esteve na costa brasileira e saqueou um navio português. Entre as regras do código estão os tributos a serem pagos ao navio, nesse caso ao capitão, os direitos de alimentação e bebida. Existiam “referendos” internos nas decisões que competiam a toda tripulação. Desertar do navio durante uma batalha tinha como punição a morte ou o abandono em uma ilha deserta. O código pirata também é retratado no filme - Piratas do Caribe: A maldição do Perola Negra - aqui ele é encarado muito mais como um “guia” do que propriamente uma lei ou regra, mas Jack já sofreu com as regras do código e chegou a ser abandonado em uma ilha deserta.

Dentre todos os piratas ele é o mais famoso, Eduard Teach, porém mais conhecido pelo seu cognome Barba Negra.

... nosso herói, o capitão Teach, ganhou o cognome de Barba- Negra a partir daquela enorme quantidade de pêlos ocultando totalmente a seu rosto, e que, tal como terrível meteoro, amedrontou a América muito mais do que qualquer cometa que por lá tivesse surgido há tempos (Defoe, 2008. pág. 72)

No caribe ou na costa americana ninguém estava a salvo, pois ali poderia se deparar com o mais temido dos bandidos dos sete mares ele é o pirata que se tornou uma lenda. Sua influência e poder eram tamanhos que “Todos os processos judiciais que se faziam em nome de Teach qualificavam-no com o título de comodoro.” (Defoe, 2008, pág. 75)

Comodoro é um título que é dado para atribuições militares e demonstra o quanto o estado nacional poderia estar envolvido com os atos de pirataria. Defoe deixa claro que no caso do Barba Negra era a Inglaterra que estava ligada a ele. Não deixa de ser uma “história porosa” que não nos permite afirmar objetivamente a relação entre o estado e o pirata, mas é um indício da marca que os homens utilizam histórias miúdas para revelar a nossa cultura de apropriações diversas.

¹² O Código está transcrito em: Uma história dos Piratas de Daniel Defoe pág. 138 e 139. O Autor ressalta a possibilidade dele não estar completo.



Temos mais uma história cinematográfica: Querelle é um homem que vive no mar e se mistura na imagem do pirata. Ele irá sempre se apropriar de todas as situações que se colocam em seu caminho. É um filme (R.W. Fassbinder - 1982) que nos aponta para alguns atos de pilhagem ou de apropriações diversas. Em Brest, na França, existe um bordel e os seus frequentadores devem passar pela mesa de dados do patrão que decide no jogo de dados, quem “comerá” quem. Existe sempre o jogo, o indefinível, o imprevisto. Querelle, perverso que é, reverte os dados. Não conta com a sorte, mas faz o seu destino. Ele diminui o número de seus dados para poder “deitar” com o patrão.

O marinheiro não quer só sexo pelo sexo, tirar, roubar ou se apropriar do outro. É pirataria do ópio, dos dados, dos amores entre irmão e amantes. Querelle entrega o amante aos inimigos, se apropria da amante do irmão e assim ele vai e apropria-se do tenente de seu navio. Ele está no comando de algo indefinido. Assim o seu estilo de vida está próxima do pirata contemporâneo. Ele divide, compartilha o que não deveria fazer por lei.

Nicolas Cage volta à Las Vegas, em “O Vidente”, mas agora não é pra se matar num grande porre. Ele é mágico e vidente. Um pirata de imagens, ele consegue ver o futuro. Trabalha com ilusão, fantasia e sedução. O mágico mostra sem evidenciar, anuncia uma parte de sombra, de mistério que nunca se evidenciará. Esse pirata do tempo trabalha com a “simulação encantada: o trompe-l’oeil – mais falso que o falso – é o segredo da aparência”. (Baudrillard, 1979). É uma transfiguração irônica, como diz o autor.

Cage descobrirá o destino de uma bomba nuclear que ameaça o mundo e sua mulher amada. Ele tem o “dom” de ver o futuro, os passos se antecipam. De longe ele sabe e sabe até mesmo o que as câmeras de vigilância não revelam. O pirata sabe o que desejamos. Em um cassino, onde trabalhava, ele escapa em pequenas brechas de minutos que as imagens das câmeras não conseguem mais seguir. Na briga com o adversário ele conhece com antecedência os golpes do inimigo, porém sabe que pode ser melhor e se transformar no frágil para melhor seduzir. Não mostra o que poderia acontecer. Ele é um sedutor de imagens.

Chama-se destino, “mas mesmo que isso exista, eu prefiro não saber... a vida deveria ser uma surpresa...” Assim, pensa a mulher apaixonada pelo ilusionista, mágico ou pirata de ilusões.

As câmeras, as perícias médicas ou jurídicas não conseguem captar a capacidade de astúcia do personagem, do pirata. Ele é perseguido. Todos querem se



apropriar do seu “dom”. “Eu acredito que tudo é possível” diz a mocinha, fala o mágico e garante o espectador.

Nesse percurso que fizemos entre história e a produção cinematográfica da vida dos piratas percebemos o quanto esses homens influenciaram suas épocas e ainda o fazem. A partir de agora vamos dilatar ainda mais a noção de pirataria para a contemporaneidade. Nossa pesquisa problematiza os atos de pirataria como apropriação e gera a problematização da produção cultural.

O ato de compartilhar na cultura pirata

O pirata da contemporaneidade não rouba, ele se apropria, reinventa e dá novos sentidos aos “objetos” que faz uso e que também espraia pela sociedade. Navegam por outros mares e oceanos, onde suas ondas não levam ou trazem à tona as riquezas com o subir e descer das marés, mas sua busca incessante, pelos tesouros, está na “imaterialidade” de apaziguar sua gana pelas jóias culturais. Os novos piratas se apresentam com um novo estilo de vida aonde suas “pilhagens” vão se embebedar na cultura fragmentada da contemporaneidade.

O estilo de vida, neste caso, é muito mais determinante para a aquisição do “capital cultural” do que pode parecer perante questões de âmbito financeiro. O consumo da imaterialidade está ligado às escolhas dos bens a serem apropriados, suas aplicações, usos e resultados na vida cotidiana. O compartilhar a pilhagem é usual entre os membros de uma rede social na Internet, por exemplo, que escolhem os seus grupos de pertencimento a partir dos gostos musicais ou lugares de frequência.

Um estilo de vida pode ser definido com o um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, as porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade. (Giddens, 2002. Pág. 79)

Se por um lado o *download* pode ser o vilão da indústria fonográfica, por outro, ele é a forma mais aberta e circular de se expandir e facilitar o acesso para os mais diferentes públicos da produção cultural. Como já falamos anteriormente:

...os piratas transmitem e produzem elementos culturais que desestabilizam noções que estavam bem seguras... Uma inusitada “indústria cultural” está se mostrando e sendo consumida, está emergindo um receptor ativo e a cidade se reconstruindo culturalmente. (Maia, 2005)



A criatividade marca o ato de baixar arquivos e o *sample*¹³ é uma prova de como apropriação pode gerar frutos criativos. Novos ritmos, outra roupagem e assim criamos o mundo *remix*. O cidadão comum se faz ator social, ele cria sobre um produto algo novo, no qual seu grupo de pertencimento se identifica e passa a consumir-lo. O *sample* é a reconstrução a partir de um novo olhar, que não impõem barreiras à criatividade.

A cultura está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica, ou seja, para aumentar sua participação nessa era de envolvimento político decadente, de conflitos acerca da cidadania. (Yúdice, 2004. Pág. 25)

Afirmamos, mais uma vez, que não cabe neste espaço questionar o destino da grande indústria da cultura, mas fazer emergir um homem comum que é produtor e interfere na nossa maneira de perceber e de se colocar no mundo. O pirata, ou seja, o homem comum se torna produtor ativo de uma cultura e de alguma forma se coloca como antagonista de uma cultura que por muito tempo esteve nas mãos de poucos determinando o destino da cidade.

O sujeito comum inova na produção da cultura, o que era ditado por grandes grupos fonográficos agora ganha um novo significado, novas batidas, ritmos e principalmente novos públicos. A cultura compartilhada por todos os homens se reorienta em um processo de fragmentação, em que um sistema de rede é baseado em escolhas por sentidos de pertencimento a grupos muito específicos. O homem se apropria, recria e dá vazão à criatividade. A cultura comunitária, compartilhada no dia a dia no caminhar e viver a cidade se reconfigura a partir da apropriação cultural pirata.

A apropriação é o próprio poder de escolha, em grande parte das vezes o sujeito compra um CD de música não por gostar necessariamente de todas as faixas, sendo assim, quando o faz, a ele é vendido um produto que talvez não desejasse realmente possuir. Na Candelária, na lojinha instalada na entrada do morro, ele pode encomendar o *mix* que deseja criar. O *download* propicia o direito de escolhas. Se gostar de uma única música de um artista “baixará” essa única música e não levará para casa mais seis, sete ou oito músicas que talvez não faça sentido para ele ter.

Diferentes grupos podem consumir o mesmo bem cultural, mas seus usos, possivelmente, serão distintos.

¹³ Ver filme Good Copy, Bad Copy



‘consumo’, que tem como característica suas astúcias, seus esfarelamentos em conformidade com as ocasiões, suas “piratarías”, sua clandestinidade, seus murmúrios incansáveis, em suma, uma quase-invisibilidade... (Certeau, 1994. Pág. 94)

A cultura que se fragmenta é a mesma que pulsa na criatividade, nas buscas de “brechas” e “táticas” (CERTEAU, 1994) para se reconstruir e se espalhar criativamente. Os usos e as formas de recriação dos produtos da cultura que estão presentes nas relações do dia-a-dia se fazem em diversas formas mostrando uma maneira de se escapar de uma suposta homogeneização. Esse é o caso do João dono de uma locadora de DVDs na Candelária. Ele acredita que seu trabalho é muito mais que sua fonte de renda. Sabe da importância de seu estabelecimento para os moradores da Candelária, na favela da Mangueira.

Se não fosse por ela (a locadora) muita gente que mora aqui não teria visto vários filmes. Eu indico muita coisa... muita coisa boa, documentários, filmes nacionais, mas o que a galera gosta mesmo é de filme de ação [...] Outra coisa que eles me pedem muito é pra misturar shows de artistas... a garotada se amarra.¹⁴

A locadora do João tem todos os tipos de filme: nacionais, internacionais, desenhos, shows, e muitos jogos de Playstation II. Segundo ele a “febre entre a garotada” é principalmente o jogo de futebol.

As meninas adoram vir aqui pegar o show da Beyonce, já os meninos gostam mesmo é dos jogos de futebol e tiro... Eles ficam loucos quando chega (Copio um novo)... já elas me cobraram tanto que tive que fazer outras copias do DVD dessa Beyonce. (Idem)

Não é só o João que tem seus filmes. Cirilo¹⁵, um dos moradores da comunidade, é professor em um curso de informática na cidade do Rio de Janeiro. Cirilo além de dar aula faz a manutenção de diversos computadores da favela. É ele o homem responsável por baixar os programas dos computadores que serão usados pela maioria dos moradores da área. “Esses softwares, programas que agente usa, são muito caros ai não tem jeito, pego tudo na internet mesmo”¹⁶

¹⁴ João, entrevista concedida em 25/02/2010

¹⁵ Ver texto: Mangueira, seus ratos são uma beleza de João Maia e Eduardo Bianchi Intercom 2009

¹⁶ Cirilo, entrevista concedida em 08/09/2009



Quem cai na rede não é, necessariamente, peixe: sociabilidade e apropriação

Com a erupção dos processos informacionais a sociabilidade se dilata e seu magma se espalha pela cidade contemporânea. Esse calor é compartilhado pelos indivíduos e esses são responsáveis pelas trocas de informação e compartilhamento de suas produções. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos levam a uma produção cotidiana, onde tempo e espaço não se apresentam como barreiras, as chamas da criatividade passam por cima, derretem e se impõem a qualquer hora e lugar, o pirata da cultura se apropria, produz e reproduz. Ele saca sua arma e dispara: em um apertar de gatilho uma imagem é digitalizada, produzida, modificada e compartilhada no *Word Wide Web*.

Ter um computador, ou mesmo um celular, não é sinônimo de se estar conectado a Web. O acesso a internet é amplo e quase irrestrito, mas muitas vezes é necessário o uso de algumas táticas muito específicas para se fazer conectado.

A quase ausência do Estado, nesse terreno das conexões, é um facilitador para que a população faça uso da apropriação e deixe fluir a criatividade. O “gato net” na candelária foi à saída encontrada, na verdade a entrada no mundo digital de compartilhamento e de produção cultural. É de suma importância para o acesso a informação e a difusão da produção de quem se apropriou dela.

É na Web 2.0 que se faz notar a criatividade produtiva. A facilidade de colocar ideias em prática, ou seja, de colocar a criação em exposição na rede e fazer dessa plataforma o meio de produção, socialização e interação entre os usuários é possível graças ao compartilhamento de conteúdo. Os indivíduos produzem, expõem e se apropriam em grande velocidade o conteúdo desse novo mundo participativo, colaborativo, interativo e produtivo. São responsáveis pela criação de pautas de discussões. O que antes cabia aos grandes veículos de comunicação, hoje vai muito além deles. Não há um *gatekeeper*¹⁷, mas vários observadores que se pautam, também, pelas novidades que ganham notoriedade na Web.

A moda do “O que você está fazendo, dizendo ou acontecendo?” tomou conta da vida dos usuários da Web 2.0. No *facebook* “No que você está pensando agora?”; No *Orkut*: “Conte algo para seus amigos!” e no *Twitter*: “*What’s Happening?*”. O que vier a ser escrito no *Twitter*, por exemplo, tem que ser muito bem avaliado, vide celebridades e

¹⁷ O termo *gatekeeper* se refere à pessoa que determina uma decisão no que seria veiculado ou não a partir de outras decisões.



seus centenas, milhares de seguidores que irão ler e fazer uso do *retweet*, caso achem relevante. Podendo ganhar proporção tamanha que possa entrar em pautas de discussão em toda a mídia. O *retweet* é a apropriação de um *tweet*, ou seja, é uma forma de ampliar o alcance de uma mensagem escrita no *twitter*. É o compartilhamento de ideias que circulam sem barreiras na Internet. Ele não é só uma apropriação é, também, uma forma de expressão a partir do outro, uma mensagem de cento e quarenta caracteres que se coloca na rede, mas que não se sabe onde ela vai chegar.

Barbara¹⁸ é uma jovem estudante do ensino médio e nos contou que busca tudo na net: notícias, baixa receitas, adora ver seu horóscopo e tem mania de assistir os vídeos do *youtube*. Baixa suas músicas com os hiperlinks disponíveis nas buscas pelo Orkut. É daí que o morro pode escutar os sambas de Arlindo Cruz e Zeca Pagodinho, o pagode do Exalta Samba e do Pique Novo, o *Rock* da Pity e claro o muito *funk* carioca. *Pego tudo pelo Orkut, vou na pesquisa e lá já acho os sites que vão ter o que to procurando. Acho digno!*¹⁹

As TICs além de facilita o acesso a esse território de informações fragmentadas, nos incitam a criar uma cultura fragmentada, elas ampliam as possibilidades e são ferramentas importantes na nova conjuntura cultural e de acesso ao saber que não mais cabe exclusivamente aos setores educacionais.

Os jovens adquirem nas telas extra-curriculares uma formação mais ampla em que conhecimento e entretenimento se combinam. Também se aprende a ler, a ser espectador sendo telespectador e internauta. (Canclini, 2008. Pág. 24)

Sonhos, devaneios, desejos são “postados” e dessa forma expõem o nosso gosto, as nossas vontades, o nosso mundo. Pode-se “pilhar” uma celebridade, seus cabelos lisos ou crespos, seus lábios coloridos ou até seu namorado feio, isso não importa. Não discutiremos o conteúdo das mensagens, mas sim reafirmamos a importância de se colocar no mundo, de ser produtor de opiniões. O estilo causa união entre os membros de um determinado grupo. Criar seus avatares é deixar fluir a imaginação. O encantamento do mundo. A criatividade emana através dos teclados e das manipulações de imagens.

¹⁸ Ver artigo publicado: Maia, João Bianchi, Eduardo. Manguieira, suas ratas são uma beleza. Intercom 2008

¹⁹ Barbara, entrevista concedida em 29/10/2010



Adoooooro, zoar com os outros. Cada dia sou... tô diferente, em lugar diferente. Fala sério que não é divertido? Tiro onda mesmo! Sei lá se a pessoa do outro lado tá falando a verdade!? Mas não é sempre assim... tem dias que é a Baby mesmo que entra e quer arrumar alguém...²⁰

Esse trabalho busca estender a noção de pirataria na contemporaneidade. Vimos que pirataria é um conceito que se dilatou na história; da pilhagem que vem desde antiguidade clássica, passando pelos mares da modernidade, às cópias de produtos da cultura consideradas indevidas pelos legisladores e as apropriações dos acervos pessoais de músicas, filmes e séries de TV. Contudo, nossa questão principal é perceber como a pirataria, ou melhor, apropriação é importante na produção cultural que “re-mixa” os estilos de vida cotidianamente na comunidade da Candelária.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García: **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008

CERTEAU, Michel de: **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994

CLAVELL, James: **Xógum: A gloriosa saga do Japão**. Rio de Janeiro: Ed. Nórdica, 1986

DEFOE, Daniel: **Uma história dos piratas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da civilização brasileira: I A Época Colonial – do descobrimento à expansão territorial**. São Paulo: Difel, 1976

GIDDENS, Anthony: **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

²⁰ Barbara, entrevista concedida em 29/10/2010



MAIA, João. **Comunicação e sociabilidade**: os piratas da cultura. In: Intercom - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação - UERJ - 5 a 6 de setembro de 2005.

MAIA, João. Bianchi, Eduardo. **Mangueira, suas ratas são uma beleza**. In: Intercom - XXXI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – UFRN – 2 a 6 de setembro de 2008.

_____. **Mangueira, suas ratas são uma beleza**. In: Intercom - XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação - Positivo - 4 a 7 de setembro de 2009.

YÚDICE, George: **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Revista

História Viva. Piratas e Corsários - ano I nº 3 Janeiro de 2004 – Duetto

Filmografia

A Rainha Tirana de Henry Koster (1955);
Good copy, Bady Copy de Andreas Johnsen, Ralf Christensen, Henrik Moltke (2007);
Querelle de R.W. Fassbinder (1982);
O Gavião do Mar de Michael Curtiz (1940);
O Pirata Real de Rudolph (1961);
O Vidente de Lee Tamahori (2007);
Piratas do Caribe: A Maldição do Perola Negra de Gore Verbinski (2003);
Piratas do Caribe: O Baú da Morte de Gore Verbinski (2006);
Piratas do Caribe: No fim do mundo de Gore Verbinski (2007) ;
Piratas do Caribe 4 - Navegando em Águas Misteriosas de Rob Marshall (2011).

Sites

BELISÁRIO, Adriano: **Escorrendo entre os dedos**

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=3027>

ALDÉ, Lorenzo: **Batalha submarina**

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1083&pagina=1>